

## O Mundo Vitoriano e os Subterrâneos de Nosso Tempo

Daniel Puglia

Universidade de São Paulo/ Universidade Paulista

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir como um texto literário do século dezenove lida com questões ainda presentes. Por meio do estudo de detalhes formais do romance vitoriano, podemos investigar a formação de uma estrutura de sentimento que, em muitos sentidos, impregna o atual discurso hegemônico.

PALAVRAS-CHAVE: romance vitoriano – processo social – forma literária

ABSTRACT: This article discusses how a nineteenth-century literary text deals with problems that are still present nowadays. Studying the very form of the Victorian novel, it is possible to investigate the rise of a determined structure of feeling which in many senses pervades the hegemonic discourse of our times.

KEYWORDS: Victorian novel – social process – literary form

Numa passagem do romance *Dombey and Son*, escrito por Charles Dickens em 1848, vemos a dinâmica da modernidade pelos olhos de um dos personagens principais, Mr. Dombey. Os ritmos do trem são registrados como sinais, quase que a pulsação da morte – um fenômeno avassalador e que escapa à compreensão: “objects close at hand and almost in the grasp, ever flying from the traveller, and a deceitful distance ever moving slowly with him: like as in the track of the remorseless monster, Death!”(DICKENS, 1848). No entanto, todos os elementos descritos formam um elenco de coisas sob a influência de mãos demasiado humanas: a máquina do progresso serve para que Mr. Dombey viva seu luto, mas num mundo forjado pelo trabalho social. Ou seja, a rara revelação dos dramas e conflitos internos de nosso protagonista acontece num movimento de contradição interna da própria modernidade, em que os traumas subjetivos estão sendo remodelados como nova subjetivação dos traumas, isto

é, o choque de um novo contexto determina a necessidade de uma nova experiência psíquica. Até certo ponto, o encadeamento das palavras e seu fluxo sugere a entrada do narrador em uma nova seara: a de uma psicologia preocupada em demonstrar a reificação e os sacrifícios aos quais Mr. Dombey está submetido. A linguagem mimetiza os inexoráveis ritmos do trem – “Away, with a shriek, and a roar, and a rattle, from the town, burrowing among the dwellings of men and making the streets hum” – e a máquina é comparada quase que a um animal que serpenteia, rugindo e chocalhando, numa poderosa síntese que toma de empréstimo imagens arcaicas para figurar uma novíssima realidade. Assim, temos o narrador se esforçando para formalizar a subjetivação do mundo industrial e a industrialização de uma certa subjetividade (HOUSE, 1941). Os sofrimentos de Mr. Dombey são descritos por um método que, como um todo, tenta combinar os efeitos imediatos da velocidade sobre a visão e a audição com um ágil caleidoscópio de cenas e quadros vertiginosamente expostos – tudo isso sob o sugestivo influxo da argamassa dos contrastes sociais: “The power that forced itself upon its iron way – its own – defiant of all paths and roads, piercing through the heart of every obstacle, and dragging living creatures of all classes, ages, and degrees behind it, was a type of the triumphant monster, Death” (DICKENS, 1848).

Para Mr. Dombey a experiência surge como um desfile das potências de um anjo vingador, indiferente ao seu poder de grande proprietário, passando por cima de seus desejos e projetos. Para os leitores, entretanto, o que seria o mergulho na densidade de uma subjetividade enlutada acaba por insinuar algo mais: a gana implacável de uma força impessoal, força esta que parece não respeitar nem mesmo os mais lindos sonhos burgueses. Nesse sentido, estaria a própria burguesia diante de um processo que parece estar sob seu controle, mas que na verdade começa a lhe escapar entre os dedos? Talvez. De todo modo, o narrador deixa transparecer todos os pavores e todos os encantos que a modernidade corporificada nas ferrovias causava numa época atordoada pelo poderio das novas forças

produtivas. O desenvolvimento de tais forças, entretanto, deixa entrever o caráter caótico da economia de mercado em regime capitalista e a burguesia, que capitaneava revoluções, tem agora no obsessivo Mr. Dombey um bom representante – e para anteciparmos uma terminologia neste momento já latente: um bom representante de uma classe histórica frente à própria ascensão e neurótica ante quaisquer ameaças que signifiquem queda ou ruína. Contudo, fazer a conexão da morte com uma máquina que simbolizava a nova ordem também desloca o medo indeterminado do futuro e focaliza as possibilidades palpáveis de mudança, ou seja, não um pavor metafísico diante do desconhecido, mas uma inquietação fundada em condições materiais. Já sabemos que isso não significa uma predisposição burguesa para continuar com os estopins da criação de outro mundo mais justo, bem ao contrário, mas o narrador sinaliza ao menos os resquícios de atitude de uma classe que havia sido em sua gênese revolucionária – e que, agora, como classe dominante, deseja conservar suas posições e não quer largar o osso.

Vale lembrar que o que virá a seguir no romance será um terreno constantemente movediço, de mutação de atoleiro, com Florence sendo forçada a abandonar a casa paterna, com o casamento fracassado de Mr. Dombey e Edith e, não menos importante, com o gerente-geral Carker dilapidando a Dombey e Filho em proveito próprio: tudo isso numa sôfrega sucessão de infortúnios que realça e desenvolve o aturdimento causado pela viagem de trem. Para Mr. Dombey a ferrovia talvez apareça quase como a tecnologia mitificada, carregando-o para um universo de visões reprimidas, em que a morte e a finitude respondem como anteparo às ilusões perdidas: suas, de sua classe, de sua época. No entanto, o narrador utiliza tal aturdimento também para trazer à tona novos aspectos de uma realidade complexa: “The very speed at which the train was whirled along, mocked the swift course of the young life that had been borne away so steadily and so inexorably to its foredoomed end. The power that forced itself upon its iron way – its own – defiant of all paths and roads, piercing through the heart of

every obstacle, and dragging living creatures of all classes, ages, and degrees behind it, was a type of the triumphant monster, Death”. Entre, de um lado, o lamento diante da rapidez com que vida e morte do pequeno Paul haviam transcorrido e, de outro, o coletivo de todas as classes, idades e condições que é arrastado pela nova dinâmica histórica, vai como termo médio a força propulsora do maquinário, da tecnologia, do progresso. Assim, o narrador pesquisa uma lei de movimento que leva de roldão as rígidas separações entre o individual e o social, o particular e o geral. Esse diagnóstico – já esboçado no coro dos empregados e serviçais que comentam os acontecimentos na empresa e na casa dos Dombey, na morte de Fanny Dombey e suas correlações com o império mercantil, nas indagações de Paul acerca do dinheiro, na resposta que necessariamente descamba para o caráter de exploração intrínseco à circulação de dinheiro como capital e, por fim, no aprofundamento dessa revelação quando surgem em cena os trabalhadores Toodle e Polly – enfim, esse diagnóstico é o inventário de violências amealhado pelo narrador, numa rede de conexões em que o peso estrutural do sistema rompe as fronteiras entre dilemas individuais e impasses coletivos, também aniquilando o envoltório das soluções isoladas em meio ao caos universal. Desse modo, a morte de Paul é a morte do herdeiro e também a alegoria das várias mortes exigidas no altar da acumulação – que arrasta “living creatures of all classes, ages, and degrees behind it”.

Normalmente a quantidade de força de trabalho surrupada, na apropriação da mais-valia que é cumulativamente agregada ao montante do capital, não é uma carnificina plenamente visível a olhos nus, embora desfile sua dança dos mortos para quem se dispuser a ver. Noutras palavras, a mortandade atua como o estripador, agindo por partes, e para que sua lógica de açougueiro seja desvendada é necessário que os golpes, os nacos e a sangria sejam recompostos em sua totalidade, num olhar que reconstitua o ecumênico ritual econômico como um todo – em visão panorâmica. Tendo isso em mente, vale observar que, nessa passagem da viagem de Mr. Dombey, o narrador nos oferece um exemplo de sua busca dessa

visão panorâmica, de um novo modo de percepção inspirado pela civilização industrial. Ou seja, o novo modo de produção é por excelência fragmentário, mas ao mesmo tempo fornece – potencialmente – condições para a apreensão dos fenômenos por inteiro. Na forma como o narrador constrói a jornada, Mr. Dombey observa objetos em movimento que dele estão separados, tudo isso sob o impulso da ferrovia que coreografa a paisagem. O próprio deslocamento do trem promove o encolhimento espacial, colocando em mostruário objetos em imediata sucessão, peças de um cenário que originalmente pertencem a domínios e campos distintos: “[...] from the town, burrowing among the dwellings of men and making the streets hum, flashing out into the meadows for a moment, mining in through the damp earth, booming on in darkness and heavy air, bursting out again into the sunny day so bright and wide; [...] through the fields, through the woods, through the corn, through the hay, through the chalk, through the mould, through the clay, through the rock, among objects close at hand and almost in the grasp, ever flying from the traveller, and a deceitful distance ever moving slowly within him” (DICKENS, 1848). Num primeiro momento, o viajante que observa pela janela as inúmeras cenas adquire uma nova capacidade, talvez a habilidade de discernir a pletora das partes do todo. Ocorre que, devido à introspecção fúnebre e ao choque atônito, Mr. Dombey vivencia os eventos de modo cíclico mas letárgico, que surgem diferentes sendo quase os mesmos, outra vez, novamente, de novo. Teria isso parentesco com o interminável eterno retorno dos ciclos de vida e morte? Ou seria também uma homologia fraternal com algo um tanto quanto mais prosaico? Por exemplo, algo como o frenético movimento da circulação das mercadorias: que devem aparecer e desaparecer sucessivamente, metamorfoseadas, transformadas em dinheiro – e novamente em mercadorias que deverão gerar mais dinheiro.

A ciranda e o redemoinho dessas transformações, mesmo sendo familiares, são ao mesmo tempo incomodamente insólitas – talvez porque difíceis de serem apreendidas como

força conjunta dotada de sentido, em etapas de um movimento total e na totalidade da movimentação por etapas. É possível que a mesma opacidade atinja Mr. Dombey: na forma como retrata a observação da paisagem, o narrador esculpe seu protagonista como estático cismador capaz de discernir punhados de realidade, mas impossibilitado para dar um salto qualitativo, necessário para a percepção do todo. Em poucos instantes a viagem mostra um país – um império, um sistema em funcionamento – e diante dos olhos de nosso personagem se desenrola um extenso panorama. Mas as surpresas desfilam segundo a segundo, entrelaçadas de forma que as sutilezas dos detalhes têm de dar lugar ao impacto da composição geral, o que exigiria um olhar atento à mudança e aos novos ritmos contemporâneos. O devaneio da experiência nessa viagem de trem convida à percepção panorâmica (MENGEL, 1989) – mas no caso de Mr. Dombey ocorre apenas o pasmo diante da marcha e da desfilada de objetos, vistos graças a um maquinário, literal e também social, que o impulsiona através da paisagem e do horizonte. Essa máquina do mundo integra nosso capitalista numa interessante trilha: seria ele apenas mais uma peça na valorização e na acumulação, autômato cumprindo seu papel de personificação do capital? Muito provavelmente. Entretanto, existe algo mais também: embora seu dilema máximo talvez possa ser resumido como “o capitalista vende mais porque é mais dinâmico ou é mais dinâmico porque vende mais?”, sua verdadeira inquietação acontece diante da noção de movimento, pois modificação é tudo o que ele não quer. Já sabemos que esta é uma das sacrossantas verdades dos amantes da assim chamada liberdade individual e do suposto processo democrático, desde que fajutos e de araque, no seu conhecido colóquio flácido para acalantar bovinos: “até a nossa revolução burguesa, foi a História agindo em direção ao progresso, culminando na belezoca que somos nós mesmos; daqui em diante, quaisquer outras revoluções são inimigas do que é mais natural e universal no ser humano; o movimento até aqui onde estamos foi perfeito; se as demandas transformadoras continuarem, daqui para

frente vai ser tudo diferente: toda e qualquer revolução será coisa sórdida de borra-botas e mequetrefes”.

Ocorre que, desde o advento da máquina a vapor e com seu uso potencializado nas ferrovias, pode-se vislumbrar a representação de gigantescas forças produtivas dos novos tempos: com tais forças, torna-se factível instaurar um regime social livre de todas as diferenças de classe, no qual desapareçam as preocupações com relação aos meios de subsistência individual e em que se possa falar, pela primeira vez, de uma liberdade verdadeiramente humana, de uma vida um pouco mais harmônica e justa. De certa maneira, o período de Mr. Dombey, quando se acirram as conseqüências conjuntas da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, foi um divisor de águas: grosso modo, de um lado, o passado iniciado com a longínqua descoberta prática do uso do fogo, em que houve, pela fricção, a conversão do movimento mecânico em calor; de outro, o futuro, com a descoberta que transformou o calor em movimento mecânico, com as máquinas que possibilitaram uma nova fase da história humana. Porém, sob os auspícios do novo deus da modernidade, o dinheiro, criou-se a possibilidade de fabricar e consumir uma enorme quantidade de novos produtos, tudo isso catalisado por inovadores meios de produção – mas com divisão cada vez mais iníqua da riqueza social. Desde a dieta até o vestuário, passando pelos utensílios domésticos e instrumentos de uso cotidiano, a mudança aconteceu até na conformação e materialidade dos itens e produtos ávidos por serem transformados – transformados em mercadorias. Assim, o uso capitalista das forças produtivas oferecia novos produtos mas já imediatamente os transformava em mercadorias, exacerbando o poder do dinheiro como mediador universal.

Contudo, se esse espírito muito poderoso tinha algo de abstrato e inefável, muito concretas eram as ações de sua vontade, que com certeza deixavam seus fiéis bastante extasiados – para não irmos muito longe, basta lembrar: no plano do espaço, as enormes obras

urbanísticas, com grandes rearranjos arquitetônicos e populacionais; no plano do tempo, os novos méritos atribuídos à pontualidade como qualidade fundamental, na síndrome de rigor organizacional que acometeu o emergente mundo da classe média na Inglaterra vitoriana. Como curiosidade, vale destacar que quando a rainha Vitória chegou ao trono em 1837, havia apenas cinco cidades na Inglaterra e no País de Gales, excetuando-se Londres, com um número igual ou acima de cem mil habitantes. Já em 1891, eram vinte e três cidades que se encaixavam nessa categoria. No que diz respeito à pontualidade mencionada acima, uma verdadeira obsessão acatada pela pequena burguesia e pela burguesia assalariada, além de causar furor deslumbrado com sua consequência imediata no respeito ao horário dos trens, das tarefas e compromissos, tinha evidentemente a motivação implícita de controlar a organização do trabalho, no impulso daquilo que viria a ser conhecido como as disciplinas de tempos e métodos na gestão da vida econômica, ou seja, como alcançar ganhos de produtividade e controlar a extração de mais-valia. Mas como nem tudo são flores, jornais da época trazem relatos sobre o aparecimento de psicopatologias e distúrbios que assaltaram inúmeros profissionais, e alguns dos casos que mereciam mais destaque eram justamente os que envolviam funcionários de escritórios e homens de negócios: submetidos à crescente pressão mental e ao excesso de trabalho, passaram a colorir com a tinta do estresse a paisagem vitoriana. Não por acaso, o grande capitalista Mr. Dombey e, em menor escala, seu gerente-geral Carker em alguns momentos parecem estar à beira de um ataque de nervos.

Isso posto, vemos que o ar meditativo, de um Mr. Dombey que regurgita a morte de seu herdeiro, vai finalmente mesclado aos ritmos do trem em sua rouquenha melodia da morte – principalmente desvelando a perturbadora música das novas perspectivas lançadas sobre cenários familiares, na dança e contradança que é a da modernidade, que é a do narrador. A prosa captura as síncopes na cadência do trem, suas bruscas guinadas e feroz velocidade, num registro implacável dos aterradores poderes que equalizam, que nivelam sob um mesmo



impulso e impacto as transformações, tanto físicas quanto sociais, na vida do país (ANDREWS, 1979). Assim, o tremor causado pelos trilhos da modernidade é sentido nas próprias raízes da cultura nacional inglesa. Pois bem, se na Inglaterra dos anos de 1840 os odores do poderio imperial eram quase palpáveis, principalmente nas ruas das cidades, Mr. Dombey ao mesmo tempo representa e não representa essa nova atmosfera. Como príncipe mercantil, estava na crista de uma certa onda histórica e, de modo concomitante, como figuração de uma classe, era peça marmórea num museu de novidades: naquela coleção de estátuas que se torna a burguesia quando materializa os aspectos residuais de uma conformação hegemônica que quer calar os aspectos emergentes. Noutras palavras, a viagem de Mr. Dombey também sugere os indícios de uma dinâmica que foge ao controle, quando a antiga classe revolucionária deseja frear o movimento histórico, quando se recusa a aceitar a convivência, por exemplo, com o trabalhador das ferrovias Toodle, que surge como lembrete indigesto de que certas relações de produção já podem ser superadas, com a destruição de ultrapassadas divisões e compartimentações hierárquicas. Em suma, tais advertências de um romance como *Dombey and Son* ainda servem, infelizmente, para demonstrar o quanto nosso tempo ainda carrega de heranças vitorianas, algumas das quais atuando como impeditivo para o livre desenvolvimento das potencialidades humanas – num mundo mais justo e verdadeiramente fraterno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDREWS, M. *Dickens on England and the English*. Brighton: Harvester, 1979.

DICKENS, C. *Dealings with the firm of Dombey and Son – wholesale, retail and for exportation*. London: Penguin, 1985. (1848)

HOUSE, H. *The Dickens World*. London: Oxford University Press, 1941.

MENGEL, E. (ed). *The Railway Through Dickens's World: Texts from Household Words and All the Year Round*. Britannia Texts in English, 1. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1989.